

## O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA ANÁLISE DA BNCC NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Agápito Pereira Tôrres Neto; Aníbal de Souza Mascarenhas-Filho; Sandra Maria Araújo Dias

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido; Universidade Federal Rural do Semi-Árido; Universidade Federal da Paraíba; agpto7@gmail.com; anibalmascarenhas@ufersa.edu.br; sandra@ccae.ufpb.br.*

**Resumo:** As orientações inscritas nos documentos oficiais para a educação no Brasil, particularmente no que tange o ensino de línguas no Brasil, como uma prescrição do trabalho educacional, norteiam a teoria e prática de ensino, (re)direcionando o trabalho dos professores e de demais envolvidos no planejamento das ações na sala de aula. Tendo em vista que esses documentos podem interferir no desencadeamento e (re)organização da atividade educacional, neste estudo, optamos pela análise da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), documento recém publicado pelo Ministério de Educação (MEC), a partir de consulta pública. Considerando o papel da interdisciplinaridade nas transformações e mudanças necessárias à educação e ao processo de construção do conhecimento, neste artigo, pretendemos analisar como o ensino interdisciplinar é contemplado na BNCC para o componente curricular de Língua Inglesa. Para isso, a partir de uma determinada concepção de interdisciplinaridade, dada a sua particular dificuldade de conceituação unívoca, inicialmente, discutimos como o conceito de interdisciplinaridade aparece em outros documentos oficiais que regem o ensino de línguas estrangeiras, como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e mapeamos as dificuldades que o ensino de língua inglesa enfrenta, a despeito de sua importância, para atender a proposta entendida como interdisciplinar. Em seguida, verificamos de que maneira a interdisciplinaridade aparece no BNCC. Concluímos que a concepção de interdisciplinaridade adotada na BNCC contribui significativamente para o ensino-aprendizagem de língua inglesa, atendendo todos os aspectos da formação humana. Em relação à relevância do ensino interdisciplinar de língua inglesa, observamos que pauta-se na reflexão sobre o papel de ensino de língua estrangeira na formação da cidadania em virtude dos componentes que constituem a BNCC. Sobre as dificuldades de uma proposta interdisciplinar para o ensino de língua inglesa, destaca-se a formação docente.

**Palavras-chave:** BNCC, ensino, interdisciplinaridade, língua inglesa.

### Introdução

A Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, é um documento de caráter prescritivo que estabelece os conhecimentos, as competências e habilidades fundamentais a serem desenvolvidos pelos alunos na Educação Básica. Pautada nos princípios éticos, políticos e estéticos da Lei das Diretrizes e Bases (LDB, Lei nº 9.394/1996) e aos propósitos que direcionam a educação brasileira, com vistas à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, a BNCC é um documento necessário para nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino brasileira, bem como as propostas pedagógicas das escolas públicas e/ou privadas em todo território nacional.

A proposta de criação da BNCC foi baseada na participação popular, tornando-se um documento de apreciação geral e que não atenderá somente a uma prerrogativa da Constituição de 1988, mas um desejo de transformação na

educação brasileira. Uma análise da BNCC, no período que o documento está em processo de construção, avaliação e aprovação, parece ser precipitada. No entanto, interessa-nos lançar um olhar crítico sobre o documento, não com a intenção de condenar ou apontar possíveis falhas, mas de perceber como a educação básica, mais especificamente o ensino de língua inglesa, será abordada. Para isso, levantamos o seguinte questionamento: Como a BNCC apresenta o ensino de língua inglesa numa perspectiva interdisciplinar? Para responder a essa indagação objetiva-se analisar como o ensino interdisciplinar é contemplado na BNCC para o componente curricular de Língua Inglesa, considerando o papel da interdisciplinaridade nas transformações e mudanças necessárias à educação e ao processo de construção do conhecimento.

De antemão, é importante destacar que o conceito e prática da interdisciplinaridade vão muito mais além de um conjunto de disciplinas, pois ela comporta todo um contexto de experiências, pensamentos e ações que envolvem a comunidade escolar de forma direta ou indireta e requer as competências necessárias para que haja um trabalho interdisciplinar. Os educadores precisam conceber o ensino, particularmente o de línguas, considerando a interdisciplinaridade como um pré-requisito para as propostas atuais desenvolvidas na Educação Básica no contexto brasileiro.

Visando atender o objetivo delineado, este trabalho está organizado nas seguintes seções: fundamentação teórica, que apresenta uma visão histórica sintetizando o conceito atribuído à interdisciplinaridade por estudiosos e diferenciando-o de outros termos; presença da interdisciplinaridade nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e no ensino de língua inglesa; como a BNCC trata do ensino interdisciplinar e como norteia o ensino de língua inglesa dentro desta perspectiva. Quanto à metodologia, o artigo é uma análise documental da BNCC com ênfase nas discussões acerca do ensino interdisciplinar do componente curricular de Língua Inglesa e quais as contribuições para a prática de ensino dentro da escola. Com vistas a atender o objetivo delineado, os procedimentos desenvolvidos nesta pesquisa foram os seguintes: a) discutimos uma perspectiva de interdisciplinaridade em autores como Japiassu (1976) e Fazenda (1998; 2001; 2002; 2008); b) elencamos as contribuições ao ensino interdisciplinar dadas anteriormente nos PCN (BRASIL, 1998); c) destacamos em autores como Leffa (2006) e Lück (2013) aspectos do ensino interdisciplinar de língua inglesa; e d) apontamos como a interdisciplinaridade se apresenta na BNCC e como o componente língua inglesa é contemplado. As informações levantadas foram discutidas criticamente com base na perspectiva de interdisciplinaridade adotada neste estudo.

## **A interdisciplinaridade no contexto brasileiro e as implicações para o ensino de língua inglesa**

Em uma perspectiva histórica, a primeira produção significativa sobre a interdisciplinaridade no Brasil, segundo Fazenda (2008) é de H. Japiassu. Em seguida, trabalhos como o de Fazenda (2008) deram início a um aumento considerável de projetos que se intitulam interdisciplinares no Brasil, principalmente na década de 1990 (SIQUEIRA, 2001).

A partir do conceito fragmentado sobre ensino disciplinar, mencionado por Japiassu (1976), que apresenta os diversos componentes curriculares em caixas separadas, discutir e escrever acerca de interdisciplinaridade requer cuidado para não entender este termo apenas como o oposto de disciplinaridade, ou seja, colocar todas as disciplinas numa única caixa, misturá-las e oferecê-las em sala de aula. Além disso, outros conceitos sobre interdisciplinaridade surgiram como tentativa de promover um ensino que evitasse a fragmentação das disciplinas escolares. Com isso, uma das principais necessidades foi apresentar uma conceituação e diferenciar os termos *inter* de *multi*, *pluri* e *transdisciplinaridade*. O referido autor argumenta que:

Interdisciplinaridade: Axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz a noção de finalidade.

Multidisciplinaridade: Gama de disciplinas que propomos simultaneamente, mas sem fazer aparecer às relações que podem existir entre elas.

Pluridisciplinaridade: Justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas.

Transdisciplinaridade: Coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral. (JUPIASSU, 1976, p. 73-74).

Apresentadas essas definições, percebe-se o conceito de interdisciplinaridade como polissêmico, ou seja, com mais de um significado, pois a atitude interdisciplinar depende da história vivida, das concepções apropriadas e das possibilidades de olhar por diferentes perspectivas uma mesma questão. Para reforçar essa compreensão do termo, o próprio Japiassu (1976, p. 74) acrescenta que “A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”.

Sobre isso, os PCN esclarecem o termo ao afirmar que “O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com os outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, [...]” BRASIL (1999, p. 88). Esclarecimento que compactua com os estudos de Fazenda (2002, p. 14), quando afirma que “Muito mais que acreditar que a interdisciplinaridade se aprende praticando ou vivendo, os estudos mostram que uma sólida formação à interdisciplinaridade encontra-se acoplada às dimensões advindas de sua prática em situação real e contextualizada”

O ensino interdisciplinar é uma proposta em que a forma de ensinar visa integrar os saberes disciplinares, e não eliminá-los (POMBO, 1994). Desse modo, o trabalho interdisciplinar favorece o desenvolvimento de todos na escola, professores, alunos e a própria escola, à medida em que o conhecimento recupera sua totalidade e complexidade. Contemplada nos PCN, a interdisciplinaridade favorece o desenvolvimento de competências e habilidades comuns aos alunos como fundamento de integração, promovendo assim, a mobilização da comunidade escolar em torno de objetivos educacionais mais amplos.

Um trabalho interdisciplinar, antes de garantir associação temática entre diferentes disciplinas - ação possível, mas não imprescindível, deve buscar unidade em termos de prática docente, ou seja, independentemente dos temas/assuntos tratados em cada disciplina isoladamente (BRASIL, 2000, p. 21).

Como prevê o documento oficial (BRASIL, 1999), a reorganização curricular determinada em áreas de conhecimento, estruturada pelos princípios pedagógicos da interdisciplinaridade, da contextualização da identidade, da diversidade e autonomia, vai redefinir uma relação entre os sistemas de ensino e as escolas. Essa proposta possibilita uma articulação mútua entre as áreas curriculares e facilita o desenvolvimento dos conteúdos, numa perspectiva de interdisciplinaridade e contextualizada, visto que a interdisciplinaridade

[...] não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a construção de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados (BRASIL, 1998, p. 89).

Em se tratando do ensino dos diversos componentes curriculares nas escolas, o risco de fragmentação dos saberes é, de fato, uma realidade. Mas, ao tratarmos de interdisciplinaridade, é importante reconhecer que não apenas os contextos didático e educacional devem ser observados e considerados, mas contextos mais amplos, como o econômico e político, por exemplo, influenciam grandemente a efetivação de projetos interdisciplinares que envolvam o ensino de línguas estrangeiras.

No caso do ensino de língua inglesa no âmbito educacional público, este passou e passa por diversas dificuldades como a falta de material didático, ausência de um ambiente propício para a aprendizagem da língua estrangeira e carga horária insuficiente; por isso, ensinar inglês nas escolas públicas tem se tornado cada vez mais um desafio para os profissionais que atuam nessa área (BRASIL, 1999).

Embora atualmente sejam notáveis os benefícios do ensino-aprendizagem de língua inglesa aos discentes, muitas barreiras ainda são encontradas para o desenvolvimento deste trabalho, conforme anteriormente mencionado. Nos PCN de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998) podem ser encontradas referências sobre essas dificuldades, a saber: “[...] o ensino de Língua Estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno [...]. Ao contrário, frequentemente essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo [...]” (BRASIL, 1998, p. 24). Assim, “o número de aulas dedicadas à Língua Estrangeira é reduzido, raramente ultrapassando duas horas semanais” (BRASIL, 1998, p. 66).

Vale ressaltar que os PCN foram publicados há aproximadamente vinte anos, quando o quadro do ensino e, especificamente, o de língua estrangeira apresentava perspectivas menos favoráveis do ponto de vista político e econômico, o que tem reflexos nas políticas e práticas educacionais. E, sendo os PCN o principal documento norteador das práticas de ensino de línguas estrangeiras no Brasil ainda na atualidade, a despeito da possibilidade de ter sido (re)normatizando ao longo do tempo, ainda é referenciado e encarado como ponto de partida para as prescrições que (re)direcionam o ensino como trabalho no território nacional.

Além desses problemas de ordem estrutural, organizacional e de políticas públicas, muitos docentes de Língua Inglesa encontram uma barreira ao implantar algo novo em seu currículo educacional e assumir uma postura interdisciplinar, e/ou integrar um projeto dito interdisciplinar é um dos grandes desafios. De acordo com Giacon (2002, p. 38) “ser interdisciplinar é superar a visão fragmentada não só das disciplinas, mas de nós mesmos e da realidade que nos cerca, visão esta que foi condicionada pelo racionalismo técnico”. Há uma insegurança ou despreparo do professor em ser um mediador num

trabalho interdisciplinar, já que a sua formação acadêmica é fragmentada e, por vezes, lhe falta tempo para estudos. O desafio do professor em adotar uma postura interdisciplinar está, principalmente, em abandonar aspectos da sua formação profissional. É preciso perguntar o porquê de se ensinar e para quê ensinar determinado conteúdo, questionar a origem dos currículos, indagar sobre os impactos as diferenças culturais podem influenciar dentro da sala de aula, e tantas outras questões que são necessárias para a efetivação da prática interdisciplinar.

Sabe-se que há dificuldade de uma integração entre professores das diversas disciplinas. Contudo, se a interdisciplinaridade envolve, a priori, a troca, o diálogo e conhecimentos de conteúdos de outras disciplinas, as reuniões escolares ou de classe que atualmente versam principalmente sobre alunos e problemas da escola, deve tratar também de tópicos a serem compartilhados de forma realmente interdisciplinar. O espaço ou o momento de interação geralmente não é proporcionado de forma ativa nas escolas, o que dificulta a possibilidade da desfragmentação disciplinar dos conteúdos (LÜCK, 2013). Segundo Leffa (2006), o ensino de línguas requer uma interação entre o professor e o aluno. O ensino interdisciplinar de inglês, por sua vez, deve estender esta interação a outros atores (professores das diferentes disciplinas, alunos de outras séries, profissionais de diferentes áreas etc.).

Para Oliveira (2016), esse ensino tem um papel privilegiado em virtude da versatilidade da língua inglesa enquanto disciplina escolar, pois ela permite articulação com diversos temas de interesse geral, e com os conteúdos das diversas disciplinas. Com isso, situa o ensino de inglês a partir de uma perspectiva sócio-histórico-cultural (VYGOTSKY, 1984), que demanda a prática e as situações reais de uso da língua sejam priorizadas, visando contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos.

De modo geral, o estudo de língua inglesa, possibilita a participação social, mantém contato com culturas, pensamentos, visões de mundo distintas, através de textos, artigos históricos, imagens artísticas, ampliando a capacidade do aluno de compreensão do desconhecido, oferecendo a oportunidade de construir conhecimento a partir de suas experiências.

### **O processo de criação da BNCC e o ensino interdisciplinar de língua inglesa**

No cenário brasileiro, os documentos que antecedem à BNCC e prescrevem o ensino (de línguas estrangeiras) já traziam orientações acerca da

necessidade de um ensino interdisciplinar. No entanto, só recentemente, em 2017, diante da criação e consequente aprovação de um novo documento, é importante questionar se o ensino interdisciplinar é apresentado e discutido na BNCC (BRASIL, 2017).

O processo para a criação do documento foi participativo e dinâmico. Em 2015, o I Seminário Interinstitucional para a elaboração da BNCC foi realizado e outras medidas foram tomadas como a instituição da Comissão de Especialistas para a Elaboração de Proposta da BNCC e o início da consulta pública para a construção da primeira versão do documento com contribuições da sociedade civil, de organizações e entidades científicas, finalizada em março de 2016. Em junho, seminários com professores, gestores e especialistas, abertos à participação pública, foram realizados por todo o território brasileiro, com intuito de debater a segunda versão da BNCC. Em agosto, começou a ser redigida a terceira versão, em um processo colaborativo com base na segunda versão.

Em abril de 2017, o MEC entregou a versão final da BNCC ao Conselho Nacional de Educação (CNE). O referido Conselho elaborou o parecer e projeto de resolução sobre a BNCC, que foram encaminhados ao Ministério da Educação (MEC). A partir da homologação da BNCC, começa o processo de formação e capacitação dos professores e o apoio aos sistemas de educação da rede pública (estadual e municipal) de ensino para a elaboração e adequação dos currículos escolares.

Conforme previamente descrito, a BNCC está prestes a se consolidar após um longo período de ações e discussões para sua criação. Na fase final para o processo de homologação do documento, é necessário questionar se a Base contempla o caráter interdisciplinar necessário à educação. Como fruto de amplo processo de debate e negociação com diferentes atores do campo educacional e com a sociedade brasileira, a Base contribuirá para desfazer o ensino fragmentado tão presente nas escolas do Brasil?

Na Introdução da Base, o primeiro parágrafo ressalta que:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. [...] a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2017, p. 07)

Nas primeiras palavras, já entendemos que a BNCC pretende atender a uma necessidade primordial da educação que é a formação humana

integral. Esse conceito dialoga com os pressupostos da interdisciplinaridade postulados por Lück (2013) ao afirmar que:

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e o engajamento de educadores, num trabalho conjunto de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade; de modo a superar a fragmentação do ensino objetivando a formação integral do aluno, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual. (LÜCK, 2013, p. 47)

Alinhando-se a citação acima, percebe-se que a BNCC pauta-se no ensino interdisciplinar através de princípios basilares, como é o caso da formação humana integral. Pregando claramente a desfragmentação dos saberes, a BNCC traz em suas bases orientações sobre o ensino interdisciplinar, tendo quem vista que configura-se como um documento prescritivo nacional, assim como os PCN. Dessa forma, as prescrições mais específicas devem ser (re)organizadas a partir desses princípios, com a diferença que, atualmente, ao contrário do que aconteceu há vinte anos, quando da publicação dos PCN, o ensino interdisciplinar tem uma construção conceitual mais consolidada e pode, assim, ser mais facilmente transformado em prática, isto é, a partir da concepções.

No decorrer do texto que compõe a BNCC, encontramos a constante orientação de reconhecer que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. A BNCC atribui aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, a decisão e ação sobre as formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecimento da competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem. Essa atribuição não é avulsa ou opcional; pelo contrário, ela está orientada no documento visando alcançar o objetivo da formação integral do ser humano, podendo diferir apenas na forma de organização.

Um tópico intitulado “O compromisso com a educação integral” (BRASIL, 2017, p. 17) compõe a BNCC enfatizando esse compromisso interdisciplinar e introduzindo a definição das competências gerais e específicas do documento. Primeiro são apresentadas as competências gerais da BNCC (BRASIL, 2017, p. 18-19); em seguida, as competências específicas de cada área do conhecimento; e o documento apresenta também as competências específicas de cada componente curricular.

Nas competências gerais da BNCC, dez itens são apresentados, todos relacionados à formação integral. Aqui destacamos o item 4 que declara:

Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2017, p. 18)

A necessidade de diálogo entre as linguagens para atingir um objetivo comum a todos os que integram a educação e a sociedade é enfatizado nesse item. A partir desta visão, a interdisciplinaridade pode contribuir para a formação deste sujeito ativo e crítico por promover a motivação pela aprendizagem e torná-la significativa. “O pensar interdisciplinar parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas”. (FAZENDA, 1998).

Nas competências específicas de linguagens para o ensino fundamental, analisamos o item 1 dos 8 apresentados no documento: “Compreender as linguagens como construção humana, histórica e social e o seu caráter constitutivo de organização e significação da realidade. (BRASIL, 2017, p. 62). A formação interdisciplinar permite uma compreensão maior da realidade, pois oferece subsídios ao professor para criar espaços em suas aulas onde os alunos percebam-se como participantes ativos na sociedade e aprendam a construir sentidos para entender melhor a realidade, tornando-se comprometidos com valores de democracia, solidariedade e desenvolvimento do pensamento crítico.

Em relação às competências específicas de língua inglesa para o ensino fundamental, destacamos, a seguir, as competências 1, 3 e 5:

1. Identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural, refletindo, criticamente, sobre como a aprendizagem da língua inglesa contribui para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, inclusive no que concerne ao mundo do trabalho. [...]
3. Identificar similaridades e diferenças entre a língua inglesa e a língua materna/outras línguas, articulando-as a aspectos sociais, culturais e identitários, em uma relação intrínseca entre língua, cultura e identidade. [...]
5. Utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável. (BRASIL, 2017, p. 202)

Nesta perspectiva, o ensino da língua inglesa deve ir além do desenvolvimento das habilidades linguísticas, ou seja, deve contribuir para formar alunos críticos e transformadores, de forma a inseri-los na sociedade como participantes ativos. Nas competências destacadas, a integração entre língua inglesa e os outros componentes curriculares da área de conhecimento de linguagens é evidente. Do mesmo modo, quando o texto se refere aos “aspectos sociais, culturais e identitários”, “mundo globalizado” e “modos de interação” fica entendido que a integração é entre todos os tipos de conhecimento.

A articulação entre as disciplinas através das interações entre elas produz intercâmbios reais de enriquecimento mútuo. A interação destas disciplinas colabora com o desenvolvimento de um planejamento conjunto e integrado na escola, favorecendo a organização de um currículo construído dentro de um contexto coletivo, estabelecendo um diálogo recíproco entre as mesmas.

Para que ocorram mudanças significativas no âmbito escolar, é preciso pensar na valorização da escola como espaço social democrático, numa educação comprometida com a busca de uma prática que considere as dimensões globais da sociedade e supere a visão do conhecimento fragmentado e desconectado do cotidiano. A escola deve preocupar-se em oferecer aos alunos o ensino que possibilite não apenas a assimilação do saber, mas principalmente a construção de um conhecimento significativo e contextualizado, que proporcione um constante diálogo entre as disciplinas. Nesta prática, o professor de língua estrangeira precisa revê sua prática pedagógica, buscando adotar outras metodologias no processo ensino-aprendizagem, pautado na reflexão crítica sobre a atividade educacional, possibilitando o resgate de seu papel enquanto formador de cidadãos críticos capazes de agir a interagir sobre suas ações com responsabilidade.

Considerando que a proposta interdisciplinar não tem pretensões de tornar-se uma metodologia de ensino (ou modismo), entende-se que adotá-la é trazer à prática educacional uma reviravolta, que dispensa o comodismo e acelera a busca de novos caminhos para que se obtenha uma aprendizagem significativa.

## **Conclusão**

O presente trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo geral foi como o ensino interdisciplinar é contemplado na BNCC para o componente curricular de Língua Inglesa. Para atingir o objetivo delineado, inicialmente, apresentamos uma discussão da perspectiva de interdisciplinaridade, pautado

nos estudos de Japiassu (1976) e Fazenda (1998; 2001; 2002; 2008). Em seguida, elencamos as contribuições ao ensino interdisciplinar inscritas nos PCN (BRASIL, 1998). Na sequência, destacamos aspectos do ensino interdisciplinar de língua inglesa baseados em Leffa (2006) e Lück (2013). Por fim, apontamos como a interdisciplinaridade se apresenta na BNCC e como o componente língua inglesa é contemplado.

Observamos que, a exemplo dos PCN, a BNCC traz uma base conceitual que fomenta a interdisciplinaridade, combatendo a fragmentação dos saberes e valorizando a formação humana integral. A BNCC, contudo, detalha mais precisamente como a integração de temas pode ser feita através de sua estrutura composta por eixos, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades. No entanto, em relação ao ensino interdisciplinar, não há uma prescrição específica de como fazê-lo, pois, além de ser um documento que orienta as práticas educacionais de um território nacional, que abrange uma significativa diversidade cultural, étnica, econômica, política, dentre outras, também respeita a pluralidade e dificuldade conceitual da interdisciplinaridade.

Diante disso, o desafio de (re)normalizar a BNCC e criar práticas que atendam às suas bases conceituais é o mesmo de vinte anos atrás quando os PCN foram publicados; a diferença é que atualmente, após anos de estudos e práticas, desenvolvemos, experienciamos e aperfeiçoamos o que entende-se por interdisciplinaridade. Ainda assim, a mudança de postura dos professores de línguas estrangeiras continua sendo um dos desafios enfrentados nos cursos de formação docente que ainda adota uma concepção de ensino fragmentada. Sobre a postura do professor em relação à interdisciplinaridade, Fazenda (2001, p. 38) afirma que “ser interdisciplinar é superar a visão fragmentada não só das disciplinas, mas de nós mesmos e da realidade que nos cerca”. Isso reforça a necessidade de uma mudança de perspectiva nos cursos de formação (inicial e continuada) de professores de línguas, o que pode desencadear uma nova fase de questionamentos, um novo olhar para o mundo e para o outro.

Enfim, um dos passos rumo à nova proposta é a mudança na postura do professor que precisa colocar-se como aprendiz e buscar novas formas de ensino para expor e discutir criticamente valores culturais e sentidos.

## **Referências Bibliográficas**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Brasília: Ministério da Educação, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Ed. Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Códigos e suas Tecnologias.** Língua Estrangeira Moderna. Brasília: MEC, 1999.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Brasília: Ministério da Educação, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-versão.final.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2017.

FAZENDA, Ivani. **Didática e interdisciplinaridade.** São Paulo: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro:** efetividade ou ideologia. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dicionário em construção:** interdisciplinaridade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade:** história, teoria e pesquisa. 15. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

GIACON, Beatriz Di Marco. In FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.). **Dicionário em construção:** interdisciplinaridade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LEFFA, V. J. (Org.) **A interação na aprendizagem das línguas.** Pelotas: Educat, 2006.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar:** fundamentos teóricos-metodológicos. 18. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Osiel Costa. O sentido da interdisciplinaridade no ensino de inglês como língua estrangeira. **Acta Tecnológica**, v. 11, n. 1, 2016.

POMBO, Olga. **Interdisciplinaridade:** conceito, problemas e perspectivas. In: POMBO, Olga; GUIMARÃES, Henrique; LEVY, Teresa. **A interdisciplinaridade: reflexão e experiência.** 2ª ed. Lisboa: Texto Editora, 1994.

SIQUEIRA, Alexsandra. Práticas interdisciplinares na educação básica: uma revisão bibliográfica – 1970-2000. **Educ. Temat. Digit.**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 90-97, dez., 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** Martins Fontes: São Paulo, 1984.